

A coragem de errar

ARMANDO BRITO DE SÁ

«Um erro descoberto é um tesouro que deve ser acarinhado».

Provérbio chinês

«Good judgement comes from experience. Experience comes from bad judgement»
Margaret Atwood, *The Blind Assassin*

A medicina contemporânea e os seus praticantes são frequentemente acusados de arrogância, nomeadamente pelos praticantes das denominadas medicinas alternativas ou complementares, por alegadamente assumirem como verdades absolutas e intocáveis os seus conhecimentos e práticas. Na realidade, passa-se precisamente o inverso: a ciência médica testa e retesta as suas práticas, incorporando na prática corrente as intervenções que passam os exigentes testes a que as submetem, e descartando as restantes. Do mesmo modo, a prática corrente pode, deve ser e é muitas vezes testada, quer no sentido de se verificar se a evidência experimental funciona no terreno (isto é, se é efectiva) quer para se avaliar em que medida a prática concretiza o conhecimento e recomendações correntes em cada momento. Este último ponto, sobre o qual se centram muitos processos de avaliação e garantia de qualidade, constitui não só uma necessidade objectiva como um imperativo ético da prática médica¹.

O primeiro número de 2002 da Revista centra-se em dois excelentes exercícios de avaliação que têm como contraponto uma «avaliação da avaliação» e um conjunto de recomendações técnicas. No texto de Luís Santiago e

colegas pega-se numa área frequentemente discutida mas raramente estudada entre nós, de grande relevância para a informação a disponibilizar aos nossos pacientes (todos temos a experiência do paciente que «nunca mais tomou a vacina da gripe porque no ano em que a levou apanhou uma ‘gripe’ tal que ia morrendo!»). No Editorial acompanhante, António Faria Vaz enquadra esse trabalho no seu contexto geral e submete-o a uma apertada crítica metodológica. O trabalho de Raquel Palma, por sua vez, efectua a análise pormenorizada da actuação de um conjunto de colegas no que respeita à administração de antibióticos em situações agudas. A discussão do trabalho não deixa dúvidas quanto à necessidade de reformulação das práticas de prescrição descritas. O confronto dos resultados deste estudo com as recomendações da Secção de Infecçologia Pediátrica da Sociedade Portuguesa de Pediatria reforça a impressão deixada pelo artigo, constituindo ambos um poderoso instrumento de reflexão: afinal, qual é o comportamento de cada um de nós em situações semelhantes?

Regressamos assim ao método científico. Luís Santiago e seus colegas avaliam e são avaliados; os colegas de Raquel Palma submetem-se voluntariamente a um exercício de observação da sua prática; nesta Revista, bem como em todas as publicações nas quais a revisão interpares é uma condição essencial para publicação, ninguém que submete um estudo ou participa num trabalho se sente ameaçado na sua integridade, vigiado, policiado, diminuído. O conhecimento constrói-se através de aproximações sucessivas, correcção sistemática de desvios, questionamen-

**Director da Revista Portuguesa de Clínica Geral*

to permanente e proposta constante de novos caminhos. Os protagonistas da criação de conhecimento, como os intervenientes nos trabalhos aqui publicados, sabem que o erro constitui uma parte intrínseca e inescapável do método científico e respeitam-no como tal.

Uma nota final de homenagem à equipa editorial que cessou funções com o número anterior da Revista, e que a honra ao integrar o seu Conselho Científico. Tendo aprendido com a sua experiência, procuraremos, pelo menos, que os erros que venhamos a cometer sejam novos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Thompson IE. A corporate approach to ethics in medicine. In Philips CI (Editor). *Logic in Medicine* (2ª Ed.). London, BMJ Publishing Group, 1995: 170-92.
2. Santiago LM, Mesquita EP, Jorge S, Carvalho IM, Rocha MG. Prevalência comparada de Reacções Adversas a Medicamentos por vacinas anti-gripais. *Rev Port Clin Geral* 2002;18:17-33.
3. Vaz AF. Vacinas antigripais e reacções adversas a medicamentos. *Rev Port Clin Geral* 2002;18:11-5.
4. Palma RM. Prescrição de antibióticos no serviço de atendimento complementar. *Rev Port Clin Geral* 2002; 18:35-52.
5. Lemos L, Xavier B, Secção de Infecciologia Pediátrica da SPP. Recomendações sobre a terapêutica inicial da otite média aguda. *Rev Port Clin Geral* 2002;18:55-6.